

***House of Cards* e a busca pelo poder simbólico nos campos político e midiático¹**

Raissa Lennon²

Lorena Esteves³

Luciana Miranda Costa⁴

Universidade Federal do Pará

Resumo

O seriado *House of Cards* (HOC) é uma ficção produzida pela *Netflix* sobre um parlamentar ambicioso e inescrupuloso que almeja o mais alto posto dentro da Casa Branca. Este artigo analisa a primeira temporada da série à luz dos conceitos de “campo” e “poder simbólico” do sociólogo francês Pierre Bourdieu, com o objetivo de entender como funcionam os principais “campos” nos quais acontecem a trama, o político e o midiático, assim como as relações que explicitam a luta pelo “poder simbólico” entre os personagens. Sucesso de público e crítica, a estória é um drama que se passa nos bastidores da residência oficial do presidente dos Estados Unidos (EUA), em Washington. HOC é uma caricatura da política levada ao exagero, mas tem o mérito de destacar as relações políticas e midiáticas nos EUA, trazendo para discussão elementos também presentes em outras democracias, como no caso do Brasil.

Palavras-chave

Audiovisual, House Of Cards; poder simbólico; campo; Pierre Bourdieu.

Introdução

Este artigo tem como principal objetivo analisar o enredo⁵ da primeira temporada da série de TV norte-americana *House Of Cards* (HOC), que foi produzida pelo *site* de *streaming* Netflix⁶. Sucesso de público e crítica⁷, a trama é uma ficção política, que se passa

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia – PPGCOM/UFPA, email:lennonraissa@gmail.com

³ Mestranda de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia – PPGCOM/UFPA, email: estevesjornalismo@gmail.com

⁴ Professora do PPGCOM/UFPA, email: lmirandaeua@hotmail.com

⁵ O enredo é entendido aqui como a trama, o esqueleto da narrativa, aquilo que dá sustentação à história. Um relato de fatos vividos por personagens e ordenados em uma sequência lógica.

⁶ Empresa norte-americana criada por Marc Randolph e Reed Hastings em 1997, que oferece serviço de TV por Internet com conteúdo de filmes e produções originais de séries de TV. *Site* oficial do *Netflix*: <<https://www.netflix.com/br/>>. Visualizado em: 08/07/2015.

⁷ *House of Cards* foi a primeira série produzida para a internet a receber o prêmio Emmy (considerado o Oscar da TV norte-americana), por Melhor Direção de Série Dramática (David Fincher), em 2013. Além disso, no mesmo ano, a atriz Robin Wright ganhou o prêmio de Melhor Atriz em Série de TV, no Globo de Ouro. E em 2015, o ator Kevin Spacey recebeu dois prêmios de Melhor Ator de Série Dramática por seu personagem Frank Underwood, no Screen Actors Guild Awards (SAG Awards) e no Globo de Ouro.

nos bastidores da Casa Branca, residência oficial do Presidente dos Estados Unidos (EUA), em Washington. HOC é uma caricatura da política levada ao exagero, mas tem o mérito de destacar as relações políticas nos EUA, trazendo para discussão elementos também presentes em outras democracias, como no caso do Brasil⁸.

O personagem Frank Underwood – uma ficção, lembremos – simboliza o político de sucesso que, de golpe em golpe de astúcia, livre de qualquer respeito humano ou considerações éticas, caminha em linha ininterruptamente ascendente de sua pequena província sulista até Washington, o Capitólio e a Casa Branca. Seu *leit motif* é a ambição sem limites. Os meios são o ardil, a astúcia, a matreirice, a conjuração, a dedicação integral às maquinações políticas, a perseverança na busca de seus objetivos pessoais. E um tanto de ousadia e crueldade. O assassinato, o perjúrio, o adultério, a traição são apenas meios que se justificam por estarem a serviço de uma causa legitimadora: o poder. A que preço? Ora, isso não entra em consideração, pois a política, essa política, tem sua própria ética (AMARAL, 2015).

Remake de uma série britânica dos anos 90, adaptada pelo roteirista Beau Willimon do livro homônimo de Michael Dobbs, a série foi disponibilizada ao público no dia 1º de fevereiro de 2013, com o total de treze episódios. Em 2015, estreou sua terceira temporada e obteve renovação para estrear a quarta temporada em 2016.

Os seriados utilizam os mesmos recursos visuais utilizados na *linguagem cinematográfica*. Desde o princípio da montagem (iluminação, composição de imagens, enquadramento fotográfico, movimento de câmera, enredo ou direção de arte) até a decupagem do material filmado, constroem-se significados aceitos pelo público em geral (AUMONT, 1995). Essa manipulação intencional tem o papel de criar uma verossimilhança com a realidade, ou seja, passar-se pelo mundo real.

Nesse aspecto, existiu um modelo padrão que acompanhou todas as cenas durante a primeira temporada de *House Of Cards*. A fotografia oscilou basicamente entre o bege e o azulado, com vários tons de cinza. O enquadramento seguiu um padrão de composição, com um personagem em primeiro plano com uma cor fria e no fundo do quadro uma luz mais amarelada. Os personagens eram reservados e elegantes, o que contribuiu para o clima misterioso do drama ficcional. Aos poucos, a série revelou ao público a hipocrisia existente por trás das aparências. O personagem principal, por exemplo, falava diretamente com o público olhando para a câmera e fazia comentários sarcásticos e ácidos sobre as situações e

⁸ Ver, por exemplo, o artigo: House Of Cards e a política brasileira. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/house-of-cards-e-a-politica-brasileira-667.html>>. Visualizado em 06/04/2015.

peças que “atravessavam o seu caminho”. Isso tornou o espectador cúmplice e até mesmo simpático a ele⁹.



Imagem: Frank Underwood “conversa” com o espectador
Fonte: Google imagens

Para fundamentar a análise que se fará a seguir sobre *House of Cards* serão utilizados, principalmente, os conceitos de “campo” e “poder simbólico”¹⁰ do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Busca-se entender, dessa forma, como funcionam os campos nos quais a estória se situa e como se dão as relações entre os agentes para obter ou garantir “poder simbólico” para permanecer ou melhorar suas posições dentro dos campos político e midiático (especialmente), assim como dos demais campos envolvidos. Antes, no entanto, como o intuito de contextualizar o enredo, o leitor será apresentado aos principais personagens da série.

O Seriado

Frank Underwood, interpretado pelo ator Kevin Spacey, é um senador que inicialmente ocupa uma posição de “baixo-clero” no parlamento e faz de tudo para subir de patamar dentro da política, com métodos geralmente escusos, antiéticos e criminosos. A produção executiva da série é do próprio Kevin Spacey e também do diretor de cinema David Fincher, que assinou a direção dos dois primeiros episódios.

⁹ Este recurso audiovisual é muito utilizado em filmes, como por exemplo, a comédia “Curtindo a vida adoidado” (1986), com direção de John Hughes.

¹⁰ As definições dos conceitos serão explicitadas no decorrer do texto.

Ao lado do senador está sua esposa Claire Underwood (Robin Wright), igualmente inescrupulosa. A personagem Claire nasceu em uma família abastada do Estado do Texas e é bonita. Os dois se conheceram jovens na universidade de Radcliffe e casaram-se pouco tempo depois. O casamento deles é um contrato (na forma mais literal da palavra). Uma união que objetiva o sucesso em suas carreiras profissionais: dela como chefe de uma ONG internacional e a dele como político reconhecido. Frank Underwood também conta com a ajuda de seu fiel assistente, Doug Stamper (Michael Kelly), que faz tudo o que é necessário para que as falcatruas do seu chefe não venham à tona.

A repórter Zoe Barnes (Kate Mara) é uma jovem de 27 anos, bonita e ambiciosa, que estava ansiosa para subir de patamar no jornal Washington Herald, onde trabalhava. Ela não “aguentava” mais cobrir matérias triviais sobre o Congresso dos Estados Unidos, até que conhece o parlamentar do Partido Democrático da Carolina do Sul, Frank Underwood. O político começa a lhe fornecer informações exclusivas sobre os bastidores da Casa Branca e, por isso, ela ganha destaque e prestígio profissional com seus “furos de reportagem”¹¹. No entanto, ele informa somente o que o convém para destruir seus inimigos e influenciar o eleitorado. Ela, por sua vez, também se envolve emocionalmente com o senador e utiliza essa relação em seu benefício. Apesar disso, Barnes ainda é uma personagem ingênua e não sabe tudo o que político é capaz de fazer para chegar ao poder. Em virtude disso, acaba perdendo a própria vida no final da primeira temporada, depois de desconfiar (e investigar) que o seu aliado estava envolvido na morte do deputado Peter Russo (Corey Stoll).

Estão postos na trama vários elementos que questionam a ética¹² na política e também na mídia: a corrupção, o tráfico de influências, as alianças por interesse, a busca por altos índices de audiência e a relação ambígua entre a política e os meios de comunicação. Destaca-se também ao longo da trama, a articulação do chamado *realpolitik*, ou seja, as influências do poder econômico, dos meios de comunicação (e de seus anunciantes), das ONGs e “entidades beneficentes”, das lideranças parlamentares e políticos influentes de um modo geral. Todos com interesses próprios e que se aliam ou não uns com os outros dependendo da necessidade. O eleitorado, nesse sentido, é “manipulável” por esses setores, mas tem grande influência sobre as decisões do “jogo pelo poder”.

¹¹ “Furos de reportagem” é uma expressão coloquial no jornalismo que refere-se à uma informação publicada por primeiro em algum veículo de comunicação.

¹² Tradicionalmente, a ética é entendida como um estudo ou reflexão, científica ou filosófica, e eventualmente até teológica, sobre os costumes ou sobre as ações humanas. Mas, também chamamos de ética a própria vida, quando conforme aos costumes considerados corretos. A ética pode ser o estudo das ações ou dos costumes, e pode ser a própria realização de um tipo de comportamento. (VALLS, 2013, P.7).

Os campos e a luta pelo poder

Para Bourdieu (1998), o conceito de campo é o de um espaço multidimensional, relativamente autônomo, formado por posições ocupadas por agentes/grupos e instituições que se diferenciam com base em variáveis pré-estabelecidas de acumulação de diferentes espécies de capital (valorizados em cada campo). Um campo será sempre um campo de forças, de antagonismo ou de cooperação dependendo dos interesses em jogo.

O capital – que pode existir no estado objectivado, em forma de propriedades materiais, ou, no caso do capital cultural, no estado incorporado, e que pode ser juridicamente garantido – representa um poder sobre um campo (num dado momento), e mais precisamente, sobre o produto acumulado do trabalho passado (em particular sobre o conjunto dos instrumentos de produção), logo sobre os mecanismos que contribuem para assegurar a produção de uma categoria de bens e, deste modo, sobre um conjunto de rendimentos e de ganhos. As espécies de capital, à maneira dos trunfos num jogo, são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado (de facto, a cada campo ou subcampo corresponde uma espécie de capital particular, que ocorre, como poder e como coisa em jogo, neste campo). (BOURDIEU, 1989, p. 134).

Para compreender a gênese de um campo é preciso entender suas linguagens, as crenças que os sustentam, os interesses em jogo e, principalmente, aquilo que é simbólico em suas relações. Cada campo é único/ autônomo, como o campo jurídico ou midiático por exemplo. No entanto, os campos sempre interagem de forma relacional no espaço social.

A teoria geral da economia dos campos permite descrever e definir a *forma específica* de que se revestem, em cada campo, os mecanismos e os conceitos mais gerais (capital, investimento, ganho), evitando assim todas as espécies de reducionismo, a começar pelo economismo, que nada mais conhece além do interesse material e a busca pela maximização do lucro monetário. Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele geram, é explicar, *tornar necessário*, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir. (BOURDIEU, 1989, p. 69).

Os agentes ou grupo de agentes são definidos, dentro do campo pelo acúmulo de capitais - econômico, político, cultural ou social. Quanto mais o agente/grupo/instituição investe tempo, esforço e trabalho dentro de um campo, maior o volume de capitais

acumulados que obterá, o que garante uma melhor posição dentro do campo e, portanto, mais “poder simbólico”.

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico (...). É, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem (BOURDIEU, 1989, p.8/9/10).

Como num jogo, os agentes estabelecem uma relação de forças pelo “poder simbólico”, que garante meios para permanecer ou melhorar as posições dentro de um determinado campo. Como aponta Bourdieu (1998), os privilégios assegurados em um ou mais campos ocorrem a partir do acúmulo de capital simbólico de seus agentes, referentes a propriedades materiais e capitais culturais.

Os agentes e instituições, a partir das relações objetivas e subjetivas dentro dos campos e da interface entre eles, sempre buscarão melhorar suas posições e hierarquias, conforme acumulem capital simbólico e, conseqüentemente, poder simbólico. É o que veremos a seguir a partir dos elementos fornecidos por *House of Cards*.

A Análise do Seriado

A partir dos conceitos de Pierre Bourdieu podemos observar como funcionam os principais “campos” encontrados no seriado: o campo político (mais importante da trama), que se articula com o campo midiático, o campo econômico e o campo ambiental.

O senador atua basicamente no campo político e econômico, no entanto, busca exercer influência em vários outros campos, para assim, obter mais capital simbólico. Em HOC todos buscam melhorar suas posições dentro dos campos nos quais estão inseridos. Ou seja, os agentes investem em capital simbólico. A esposa e cúmplice, por exemplo, atua em uma ONG ambiental internacional que recebe benefícios por conta de influência do senador. Em *House of Cards* fica explícito que algumas ONGs do campo ambiental recebem recursos do governo e servem como lobistas para transações financeiras, em um constante jogo de forças, ora de convergência ora de antagonismo, dependendo dos interesses envolvidos.

No caso do senador, a Presidência da República é a mais alta posição à qual um político pode chegar. Ambicioso, ele busca a qualquer custo melhorar sua posição no

campo político e o consegue por meio de articulações com agentes de outros campos e acúmulo de capital simbólico.

O capital valorizado no campo político é a conduta ética e a honestidade. Se um político perde esses valores, sua posição dentro do campo estará enfraquecida e o político em questão será alvo de desconfiança perante o eleitorado. Por isso, com a ajuda de seu assistente, o senador faz de tudo para que suas falcatruas nunca sejam desmascaradas. Na trama, geralmente, ele consegue alcançar seus objetivos.

O campo político, entendido ao mesmo tempo como campo de forças e campo das lutas que têm em vista transformar a relação de forças que confere a este campo a sua estrutura em dado momento, não é um império: os efeitos das necessidades externas fazem-se sentir nele por intermédio sobretudo da relação com os mandantes, em consequência da sua distância em relação aos instrumentos de produção política, mantêm com os seus mandatários e da relação que estes últimos, em consequência das suas atitudes, mantêm com as suas organizações. (BOURDIEU, 1989, p. 164).

Apesar de estreita, a relação entre os campos político e econômico na trama, também é marcada pelo limite entre os campos. A própria narrativa, em linguagem acessível, explicita que “*dinheiro e poder não são a mesma coisa*”¹³. O personagem Remy Danton (Mahershala Ali) é um exemplo. Ele é um lobista profissional cujos clientes não grupos corporativos que mantêm vínculos políticos. Uma das frases emblemáticas do senador faz referência à diferença entre o capital econômico e o capital social (prestígio/reputação):

Que desperdício de talento. Ele (Remy Danton) escolheu dinheiro ao invés de poder – um erro que quase todos cometem aqui. Dinheiro é a mansão no bairro errado, que começa desmoronar após dez anos. Poder é o velho edifício de pedra que se mantém por séculos. Não respeito quem não sabe distinguir os dois. (CARDS, House of, 2014, cap. 1).

No caso do campo midiático, o personagem se alia a uma jornalista. Como já observara Bourdieu (1997), um dos recursos para se manter em evidência é “conservar e aumentar seu capital simbólico por uma política de presença permanente no ar” (BOURDIEU, 1997, p. 138). A influência do campo midiático tende a destacar em qualquer campo, os agentes e as instituições que necessitam de visibilidade relacionada à audiência (Bourdieu, 1997, p. 109). É o caso do campo político que precisa constantemente da aprovação popular, representada pelo número de votos.

¹³ Ver artigo: As lições de House of Cards sobre política. Disponível em: <<http://mercadopopular.org/2014/02/as-lico-es-de-house-of-cards-sobre-politica/>>. Visualizado em 08/07/2015.

Todo político cultiva manter boas relações com o campo midiático, já que os jornalistas, segundo Bourdieu (1997, p. 136), “são atores muito influentes” e podem “oferecer aos políticos serviços simbólicos indispensáveis”. Foi o caso da personagem que representava a jornalista Zoe no seriado. O campo midiático está permanentemente sujeito à prova de veredictos do mercado, a pressões externas (pressão econômica e obsessão pelos índices de audiência) e internas (necessidade de reconhecimento dos jornalistas por seus pares, submissão ao tempo de realização das tarefas e busca incessante pelo fuero de reportagem). Portanto, ainda que os agentes inseridos no campo midiático e no campo político estejam em uma relação de concorrência e/ou de cooperação permanentes, ambos “têm em comum estarem muito direta e muito estreitamente situados sob a sanção do mercado e do plebiscito” (BOURDIEU, 1997, p. 114). Essa influência que um campo pode gerar em outro campo e que fica bastante clara no seriado, Bourdieu chama de “efeitos de intrusão”.

Com base nisso, a personagem Zoe (jornalista) utiliza-se de sua aliança profissional e emocional com o senador para conseguir um serviço simbólico essencial para a profissão: informações exclusivas, confidenciais, que renderão furos de reportagem e aumentarão o reconhecimento da jornalista dentro do campo midiático, melhorando sua posição no campo. Ao mesmo tempo, ela abre mão de outros valores simbólicos caros à profissão: ética, imparcialidade, transparência. O seriado explicita regras objetivas de funcionamento do campo midiático (como apuração dos fatos, agenda-setting) ¹⁴.

A união entre os personagens dos campos político e midiático explicita o fato de que as relações de forças dentro dos campos e entre eles se dão por conflitos, oposição ou concorrência, mas também por aliança, cooperação ou acordo entre as partes envolvidas, dependendo dos interesses envolvidos visando o maior acúmulo de capital e poder simbólico.

Conclusão

Com base em conceitos de Pierre Bourdieu foi possível perceber, no universo do seriado *House of Cards*, como se relacionam os principais agentes da trama a partir dos campos político, midiático, econômico e ambiental e da busca pelo “poder simbólico”. A

¹⁴ Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia. (TRAQUINA, 2005, p. 63)

análise da série permitiu identificar elementos que explicitam as regras do “jogo” (BORDIEU, 1998), por meio do funcionamento dos campos de forças e dos capitais envolvidos e valorizados em cada um.

House of Cards é um sucesso de público e crítica, não apenas pelos recursos visuais utilizados ou pela narrativa dinâmica que “prende” o espectador, mas por apresentar as regras de funcionamento dos campos político e midiático e suas interfaces com os demais campos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Roberto. **House Of Cards e a política brasileira**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/house-of-cards-e-a-politica-brasileira-667.html>>. Visualizado em: 06/04/2015.

AUMONT. **A estética do filme**. Campinas. SP: Papyrus. 1995.

BOUDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. RJ: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Oeiras: Celta Editora, 1997, 1997.

COELHO, Diogo. As lições de House of Cards sobre política. Disponível em: <<http://mercadopopular.org/2014/02/as-licoes-de-house-of-cards-sobre-politica/>>. Visualizado em 08/07/2015.

CARDS, House of. Direção: David Fincher [S.l.]: Pris/Sony, 2014. 1 DVD (246 min).

COSTA, Luciana Miranda. A Teoria que Explica: campo, habitus e poder simbólico. In: **Comunicação e Meio Ambiente: a análise das campanhas de prevenção a incêndios florestais na Amazônia**. Luciana M. Costa. Belém: UFPA; NAEA, 2006, p. 58 a 70.

‘HOUSE OF CARDS’: as lições de política de Frank Underwood. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/as-licoes-de-politica-de-frank-underwood-de-house-of-cards/>>. Visualizado em: 06/04/2015.

FAN, RITTER. Crítica- House Of Cards - 1º Temporada. Disponível em: <<http://www.planocritico.com/critica-house-of-cards-1a-temporada/>>. Visualizado em 08/07/2015.

GRAÇA, Eduardo. Uma Conversa com a lady Mac Beth de Washington. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/uma-conversa-com-a-lady-macbeth-de-washington-923.html>>. Visualizado em 09/07/2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, Ed. 2, 2005: Porque as notícias são como são.

VALLS, L. M. **O que é ética**. São Paulo: Brasiliense, 2013. - (Coleção Primeiros Passos; 177). 31ª reimpr. da 9ª ed. de 1994.